



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

## ENSINO MÉDIO NOTURNO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ALUNO TRABALHADOR

Roney Gusmão do Carmo\*  
(UESB)

Ana Elizabeth Santos Alves\*\*  
(UESB)

### INTRODUÇÃO

A pesquisa ora apresentada se volta a uma análise do conjunto de representações elaboradas pelo aluno trabalhador, sobre o Ensino Médio Noturno do Instituto de Educação Euclides Dantas. Para tal investigação, tornar-se-á necessário compreender o significado do trabalho para as sociedades capitalistas na contemporaneidade. Conceito este que sofre profundas mudanças a partir de duas concepções: a protestante e a iluminista; ambas removem o caráter pejorativo de trabalho, como instrumento de tortura, elemento penoso e vil, elevando-o a elemento capaz de dignificar o homem, criador de toda riqueza e virtude para a salvação. Toda esta valia depositada sobre o conceito de trabalho na modernidade, altera a concepção de escola nesse contexto que, pelo menos sob a ótica do senso comum, tem alguma função, por mais débil que seja, de atender o dinamismo externo à própria instituição escolar. Essa situação se torna ainda mais notória quando se analisa a escola no turno da noite, pois, historicamente teve o seu funcionamento estreitamente relacionado com a realidade do precoce trabalho (formal ou informal) como condição de sobrevivência de sua clientela em turnos opostos, tendo ainda o sério agravante da defasagem idade-série. A complexidade existente na relação escola-trabalho estabelecida durante o período noturno, materializa uma

---

\* Pós graduando em Educação, Memória e Cultura pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, e-mail: guzmao@hotmail.com

\*\* Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Orientadora do pós-graduando



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

realidade externa, típica de países em desenvolvimento, no qual as circunstâncias forçam o jovem prematuramente a conciliar a escola com o trabalho assalariado, sendo muitas vezes necessário priorizar este último. A escola, sob esta ótica, representa um prolongamento da jornada de trabalho, tanto para o aluno quanto para o professor.

A busca pela escolarização ainda que implique em tão expressivo sacrifício pelos alunos que necessitam trabalhar, também pode ser justificada pela saturação do concorrente comércio local, ou seja, grande parte dos alunos empregados ocupa cargos referentes a este setor que progressivamente tem exigido maior qualificação dos trabalhadores, fato que fragiliza as relações trabalhistas propondo a permanente oportunidade de perda de emprego. Dessa forma, a escola “debilmente” contribuiria para a permanência do jovem no mercado de trabalho, não lhe prometendo ascensões profissionais significativas, mas ao menos sustentando o pouco que a terceirização ainda lhe oferece.

Além de toda essa complexidade aqui observada, existe outra análise que convém levantar sobre a educação noturna. Já se tornou senso comum que a escola tem um importante compromisso de socializar saberes, tornando o conhecimento acessível ao educando, de modo a contribuir com sua plena prática da cidadania; mas, será que a escola, dentro das representações sociais elaboradas pelos alunos, tem sido “útil” nessa função? Útil para quem? Esta reflexão pode nos remeter a um grupo amplo de análises que, provavelmente, será capaz de remeter a pesquisas posteriores. Percepções como: a educação não estaria desempenhando uma função de descargo de consciência da sociedade, promovendo a ilusão de que ela alteraria as profundas bases de injustiça social?

De fato, o desempenho do sistema educacional nos dias atuais tem sido questionado exatamente no que se refere à sua real função, uma vez que grande parte dos momentos em que nos ocupamos com a educação não nos atentamos sobre o porquê de tomarmos determinada decisão ou investirmos esforços em certos projetos.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

Esta prática pouco reflexiva também afeta os estudantes que em seu cotidiano escolar executam tarefas, aplicam esforços e superam obstáculos, mas que nem sempre têm a ciência clara sobre o porquê de exigências tão extensas. Existe uma reflexão pertencente à série de charges Caulos que afirma: “O homem não é animal racional por que pensa, mas por que pensa que está pensando”. É esta capacidade reflexiva – capaz de nos diferenciar como racionais – que deve ser estimulada na prática cotidiana escolar, instigando o senso investigativo e promovendo a habilidade de observar criticamente o que envolve o educando.

Insiste-se que para os persistentes obstáculos relativos ao ensino noturno em instituições públicas uma lúcida alternativa seria a construção do projeto político-pedagógico da escola, aqui compreendido, não como uma espécie de estatuto que pragmatize e burocratize o cotidiano escolar, mas trata-se de uma elaboração coletiva das atividades educacionais totalmente vinculadas à realidade local e direcionada à melhoria do dia a dia da instituição de ensino, maximizando a sua eficiência dentro da sociedade. Tal fato se aplica perfeitamente à temática ora abordada, uma vez que o ensino noturno, bem como suas bases deve estar absolutamente associada às características peculiares da sociedade que envolve a escola.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Célia Pezzolo. Ensino noturno: realidade e ilusão. 10ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: GOMEZ, Carlos Minayo et al, Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1989.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

KUENZER, Acácia Zeneida. O Ensino Médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. In: Educação e Sociedade: revista quadrimestral de ciência da educação. Vol. 70. Ano XXI. São Paulo. Editora Cedes, Abril de 2000.

TOMAZI, Nelson Dacio. Trabalho e sociedade. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.